Suplemento Literário

Todos os artigos publicados neste Suplemento são originais e de responsabilidade exclusiva de seus signatários. Achando-se completo o quadro de colaboradores permanentes, a direção não garante a devolução das matérias que lhe forem por acaso remetidas ainda quando não aproveitadas. A publicidade inserta neste Suplemento obedece a normas especiais, que poderão ser encontradas na administração do jornal.

ARTE

Brasília redefinida

Lourival Gomes Machado

Demonstração de provincianismo é, sem dúvida, insistir em prolongar o eco de visita ilustre que rompeu o marasmo cotidiano. Bem diversa, contudo, é a atitude daquele que, sentindo-se tante algum que tudo tendo para que dele se fale, faz questão de falar de nós. E de dizer, de nós, coisas tais que, então, provincianismo seria, exatamente, receber-las como meros elogios de circunstancia.

Se não saiu demasiado elíptico esse prologo, é sinal para infinito que se torna sua perfeita coerencia numa só afirmação segura e valida sobre ser limpa de qualquer concessão sentimental. Dispensando as louvaminhas da polidez, apresenta-se essencialmente como uma peça de meditação, trazendo-nos elogio que, embora inquestionavel, só poderemos aceitar, dado o seu conteúdo, se o soubermos compreender em sua correta medida e exato sentido.

De mim, confesso que até agora não fui a Brasília, aferrado a cada uma das oportunissimas, mas reais, impossibilidades praticas de aceitar os convites, inclusive os mais lisonjeiros, não só para adiar viagem, senão também para justificar o que poderia parecer uma abstenção. Poderia parecer e, de fato, era uma abstenção, embora não de todo consciente, pois que antes a ditava uma indefinida especie de medo, que, por não se confundir com qualquer covardia, pode ser francamente declarado. O que me levou a sempre adiar a viagem a Brasília, sem duvida foi, embora mal definido, o medo de lá chegar pejado de repercussões polemicas e, pois, incapaz de olhar com isenção, e, mais ainda, o medo de não conseguir superar boas ou más impressões já formadas e, portanto, apresentar-me polemizante eu proprio. Seja como fôr, sinto-me agora feliz por ter cedido ao impulso da abstenção preservadora, pois que, afinal, pareceu-me superada não só para mim — quem sou? — mas para todos os pró6, os contras e os racisimos neutros, a conjuntura polemica a que, desde o famoso concurso, se limitou o problema de Brasília.

Há, agora, o que Malraux disse de Brasília.

Anotemos desde logo que, com seu discurso, mais uma vez reafirmou uma nota constante de nossa historia espiritual, na qual o talento, desde que presente, marcha à frente da reflexão. Não pódia saber disso, André Malraux, lão ligado àquele francês que, para confessar a grandeza poetica de Hugo, antes suspirava um hélas!, pois nada poderia indicar-lhe, lá fora, que se dirigia a uma terra em que, apesar de todos os pesares, os criadores, para reconhecer um acerto da critica, ainda murmuram um triste pois é... Sem o saber, teceu essa fraqueza, não digo de nossa inteligencia, mas, sim, do uso que dela fazemos, pois quase sempre deixamola para trás, não porque lhe faltem forças para a caminhada, senão por esgotá-la na exagerada consideração das fraguas e flores que marginam o caminho. Pois não foi assim com Brasília, esse problema que desdobramos em infinitos problemas, esmiuçando ponderações (importantissimas, mas nenhuma delas por si só decisiva) de ordem, politico-administrativa, geo-economica, tecnico-construtiva, até litero-artistica, como se temessemos abordar o sentido mais profundo e a mais alta significação do objeto de tantos estudos?

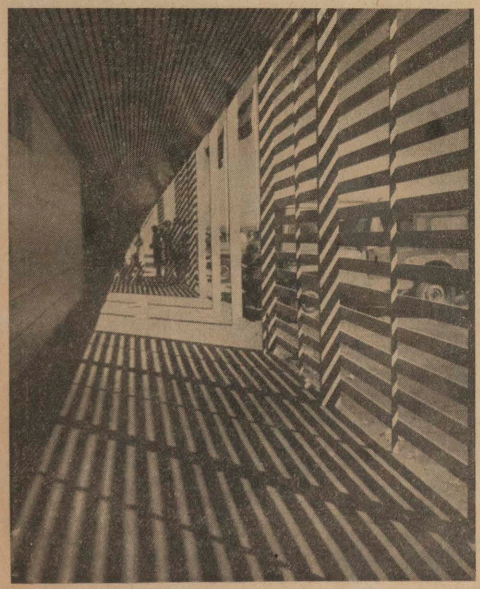
Então, chega Malraux para dizê-lo a nós. A nós todos — pró6, contras e neutros — que, em posição apologetica ou em função de libelo (não está aí o erro, afinal), reduzíamos Brasília à perspectiva de um unico e particular angulo de visão. Nesse sentido, a citação de Lucio Costa que surge no discurso de Malraux faz justiça a quem mais longe foi na interpretação da empresa, embora ainda a reduzindo ao angulo especial do criador, enquanto o mesmo não se dirá da afavel referencia as palavras presidenciais, nas quais a sonora redação palaciana nem se alça à nobreza majestatica, nem preserva a direiteza instintiva da natureza do homem comum ao dirigir-se para um empreendimento invulgar.

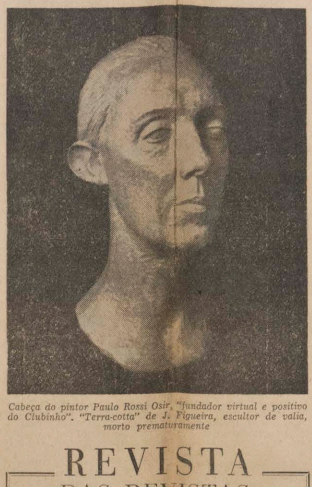
Enfim, agora que Malraux disse de Brasília o que ficamos esperando por ele para saber, precisamos aproveitar a lição. Não, não se trata de calar nossas restrições, pois continuarão a causar justa inquietação certas indisfarçaveis fraquezas da realização, que vão do deficiente planejamento das comunicações á duvidosa decoração interna do palacio presidencial, passando pelos visiveis pecados construtivos e pela singularíssima escolha das obras de arte até agora adquiridas. Nem, muito menos, devemos esconder os motivos de admiração que até agora nos exaltaram, desde a coragem flexivel do decantado "esboço" do Plano até o sabor (entre surrealista e oriental) do espirito com que se concretiza, de cambulhada com o ineditismo de perspectivas, formas e pormenores que indisfarçavelmente o acompanham. Tais referencias tradurem um aspecto da realidade, pois representam medidas, em variadas escalas, da capacidade de seus autores, mas, embora constituam uteis parametros, não alcançam, por si sós, a aferição dessa outra e diferente grandeza que é a da obra em função de suas ultimas finalidades. Em outras palavras: vinhamos enfrentando Brasília numa série de problemas que cuidaram do planejamento regional e nacional, do plano urbanistico, dos projetos arquitetonicos e das respectivas realizações concretas, atendendo apenas às suas implicações inventivas e tecnicas, até que chegasse alguem para lembra-nos, não só da realidade conjuntiva da realização considerada **in totum**, mas, sobretudo, de seu sentido sintetico, de sua significação simbolica.

Simbolo, não na acepção alegorica que, fiel à tradição do talento, a oratoria oficial traduz em palavras altissonantes (alg.mas das quais, apesar de tudo, podem insensivelmente chegar perto da verdade, mas simbolo na exata acepção critica do termo e, portanto, implicando pelo menos os atributos essenciais da invenção e da necessidade. Que foram, exatamente, as duas significações de Brasília que Malraux acentuou com esplendida clareza e implacavel exatidão. Discutam-se, quanto se quiser, o conteúdo explicativo de suas afirmações nesses dois sentidos e, se possivel, chegue-se a negá-lo — sempre restará ao menos a obrigação de substituir essas formulações por outras de equivalente teor.

Neste ponto, assume importancia capital compreender que, como que Malraux, há um elemento novo a distinguir essa empresa de que na historia lhe oferecem paralelos, já explorados com maior ou menor oportunidade, como impossivel e redutivel a mero prolongamento, ou escala gigantesca, das modernas formas arquitetonicas, com o que mais se exaltaria a posição do Brasil nesse setor, que é de efetiva liderança mundial. Eis porque, apesar de todas as suas deficiencias e de todas as suas formosuras, Brasília deverá transcender, simultaneamente, tanto a seus amptos ou acanhados quadros de projeto e planificação, quanto à sua erronea ou acertada proposição politico-administrativa, para atingir a seu proprio plano de expressão significado. Devemos encará-la e julgá-la ao nivel em que aprendemos a avaliar os exemplos da historia da arte, no qual podemos lastimar o fruto experimentalismo tecnico de Leonardo sem perder de vista a importancia estetica da "Ceia" e podemos repudiar o policlarismo do plano de Hitzymann sem a ele reduzir o urbanismo de Paris; bem como não ignoramos que a grandiosidade realizada de Versalhes ou o sentido social de "Bonjour, Monsier Courbet" diferem muito de sua proposição consciente. Todos os monumentos e todas as peças exemplares significam algo para nós, independentemente de seu enunciado intencional e de sua fatura artistica (quantas vezes ambos nos são inteiramente desconhecidos), porque, mesmo sem tais referencias, a obra se impõe pelos valores que poderíamos considerar, pura e abstratamente, esteticos, não percebessemos logo sua função simbolica, mesmo depois de concretizada a etapa cultural que solicitou sua criação. Assim quis Malraux ver Brasília.

Essa Brasília redefinida — simbolo de um novo anseio de civilização, que por isso inventou-se, na exata acepção do termo, para significar algo de novo; inedita na linha das capitais artificialmente dotadas pelo poder dos despotas unipidos ou lerdos; inovadora no desenvolvimento duma arquitetura até hoje submetida, malgrado seus protestos, ao capricho individualista ou ao imperio do economico; restauradora de perdidos lirismos arquitetonicos para fazer-se portadora de uma nova afirmação do homem — essa Brasília passa a ser, para nós, uma nova gloria e um novo compromisso. Bem diversa daquele outro empreendimento que ontem deixavamos à mercê dos julgamentos inteiramente politicos ou apenas sensatos, valerá sem duvida como crivo para avaliarmos a determinação de seus faitores e a imaginação de seus criadores, a competencia de seus construtores e o descortino de seus admiradores, como também dele não poderá escapar a benevolencia ou malevolencia de seus criticos, mas obrigará a uma referencia ao anseio coletivo que, corretamente traduzido ou conscientemente deturpado, inspirou seus fundadores. Acima deles, graças a eles ou apesar deles, quem será julgado pelo destino de Brasília seremos nós mesmos. No julgá-la, procuremos, pois, manter-nos à altura desse mesmo julgamento que, um dia, poderá definir, na historia, nossa propria estatura.





Cabeça do pintor Paulo Rossi Osir, "fundador virtual e positivo do Clubinho". "Terra-cota" de J. Figueira, escultor de valia, morto prematuramente

REVISTA DAS REVISTAS

Lolita, James Dean e Argélia

("New Statesman")

Há correspondentes e correspondentes, bons e maus, argutos e medíocres, fantasiosos e terra-a-terra, interessantes e entediantes. Raros, todavia, são extremos tão evidentes de voeção frustrada de sociologo como o anonimo correspondente do "New Statesman" em Paris.

Não é todos os dias, com efeito, que se encontra um correspondente habituado a relacionar com facilidade, em meia palma de coluna (15 de agosto), assuntos aparentemente tão diversos quanto Lolita, James Dean, a delinquencia juvenil e a guerra da Argelia, para dessa relação tirar conclusões. Não, o correspondente abre sua coluna com a informação de que desapareceram das praias e ruas francesas as incontaveis réplicas de Brigitte Bardot, em grande moda até agora, para dar lugar às incontaveis Lolitas, "que parecem ter saído diretamente das paginas do "bestseller" de Mr. Nabokov. Infelizmente — prossegue ele — a influencia do cinema e da literatura norte-americana sôbre a juventude francesa tem sempre sido tão inocente. Recentemente, em Bandol, que é uma estancia muito procurada pelos turistas britanicos, varios vaqueiros foram linchados — e alguns deles vítimas de um violento conflito. Dois grupos de "jovens transviados", armados de barras de ferro e correntes de bicicleta, ali entraram em choque. O número de envolvidos, bem como o balanço das baixas, foi ressaltado pela imprensa, que deu ao fato grande destaque. No dia seguinte, outro violento conflito do mesmo tipo foi registrado no bairro parisiense de St. Lambert — o que indica que o problema da delinquencia juvenil organizada assume também na França — até agora aparentemente imune a ele — proporções de fenômeno nacional.

Os jovens delinquentes franceses que nada ficavam a dever aos seus emulos no resto do mundo, receberam logo uma denominação caracteristica, cunhada pela imprensa sensacionalista. Tal como os **Teddy Boys** inglêses, os **Wild Ones** norte-americanos e os nossos **Play Boys**, os transviados franceses são genericamente denominados "Jaquetas de Couro". Por quê? E a que se pergunta o correspondente do "Statesman", prosseguindo:

"Seria pelo fato desses jovens desajustados e selvagens serem discípulos de James Dean, ou imitadores de Marlon Brando? As jaquetas de couro, certamente, são os uniformes dos jovens delinquentes norte-americanos. Os jornalistas franceses especializados no assunto, todavia, consideram que os transviados do "made in France" parecem mais propensos a imitar os modismos e maneiras dos seus ídolos norte-americanos do que propriamente sua indumentaria".

Até aqui, como se vê, nosso correspondente limita-se a expôr uma serie de fatos. Prosseguindo, contudo, ele analisa os eliados fatos para deles tirar lições, dando uma mão aos agitados jovens franceses e justificando a "impropriedade" de sua indumentaria em relação aos padrões estabelecidos pelos "originais", os delinquentes norte-americanos:

"Embora sejam denominados "Jaquetas de Couro", genericamente, os transviados franceses envergam quase sempre jaquetas de nylon, ou popeline — porque o couro natural é muito caro na França..."

Esclarecendo assim que quem não tem cão caça com gato, ou melhor, que a jaqueta não faz o delinquente, continua o nosso correspondente sociologo:

"Contudo, com ou sem jaquetas de couro legitimo, os jovens franceses nada ficam a dever aos seus emulos estrangeiros e refletem com inteiro êxito, em seu comportamento antisocial, as tensões de uma sociedade que nos últimos vinte anos, depois de participar de uma guerra mundial, arca com o pêso das infindaveis campanhas coloniais. Os adolescentes que correm o risco de ser incorporados às forças armadas são cinicos, politicamente. Esses jovens não mantêm relações das melhores com seus pais que, por sua vez, não demonstram grande interesse por seus problemas, nem com a sociedade, que só lhes tem a oferecer raras e pobres válvulas de escape cultural. A França não organiza centros de cultura nem constrói estadios esportivos — fábrica, em lugar disso, tanques e lança-chamas destinados à Argelia".

Já se vê, portanto, que o correspondente do "Statesman" não é um desses correspondes comuns, que se limitam a expôr os fatos que observam, numa sequencia mais ou menos logica. Não, nosso amigo vai mais além, tira conclusões de suas proprias observações:

"James Dean e Marlon Brando — conclui ele — encontram imitadores em todos os países. Os jovens transviados são encontrados em todos os países, aquêm e além da "cortina de ferro" e seus problemas não podem ser ignorados. Na França, todavia, esse mal soma-se à decomposição de uma sociedade para a qual a violencia, a tortura e a guerra são realidades diarias. A moda feminina, nas praias de St. Tropez, provavelmente mudará antes do fim do ano, quando talvez não se encontrem mais **parisiennes à la Lolita**. Mas, certamente, continuaremos a ouvir falar por muito tempo ainda dos "Jaquetas de Couro".

Ao leitor desprevenido talvez soem falsas ou exageradas as conclusões que chega o correspondente do "New Statesman", especie de sociologo-de-bolso, particularmente no que se refere à relação entre causa e efeito que estabelece entre a guerra da Argelia e o agravamento do problema da delinquencia juvenil na França.

Todavia, ainda que indiretamente, suas conclusões foram corroboradas há dias pela sisuda imprensa conservadora francesa — a qual, depois da ascensão de De Gaulle ao poder, se deixou de ser liberal não deixou de ser "palmatoria do mundo" — que sugere uma "solução" pratica para resolver o problema da delinquencia juvenil na France e, simultaneamente, acelerar o extermínio dos nacionalistas argelinos — incorporar em massa os "Jaquetas de Couro" ao Exercito e enviá-los, devidamente enquadrados, para a Africa.

Essa seria, segundo a imprensa conservadora, a formula magica que permitiria ao governo francês matar dois coelhos de uma só cajadada. Aproveitar-se-ia a energia dispersada tão prodigamente pelos jovens delinquentes, em benefício do reforçamento do dispositivo militar francês na Argelia. Pedindo emprestada, por um momento, a longa palmatoria da imprensa burguesa da França, tomamos a liberdade de duvidar das virtudes terapeuticas da formula que propõe. Pois enviar os "Jaquetas de Couro" à Argelia não seria apenas espargir o acido social, segregado por uma sociedade doente, sôbre a chaga de uma guerra colonial?

Frederico Branco

O Clubinho e os «19»

Paulo Mendes de Almeida

Quando tratamos, nesta serie de artigos que já vai longa, da Familia Artistica Paulista, dissemos que de suas cinzas iria nascer o "Clubinho". Efetivamente, assim se passou.

Todos sabem o que é o "Clubinho". E' o Clube dos Artistas e Amigos da Arte, que ainda existe, em plena vitalidade, e se acha localizado, em sede propria, à rua Bento Freitas n.o 306, no subsolo do edificio ali erguido. Pois bem. A Familia Artistica Paulista morreu em 1949. Mas do que qualquer outro dos movimentos similares, porém, ela teve o condão de congregar os artistas, da noitada em tertulias e noitadas boemias, de criar, enfim, aquilo que se poderia chamar de "ponto de encontro" da cidade. Dessa forma, o desaparecimento da Familia não implicou na dispersão de seus membros, que continuaram mantendo aquele comercio de relações, de conversas, de trocas entre os artistas do mesmo oficio. E assim, em 1945, os pintores Paulo Rossi Osir, Alfredo Volpi, Mario Zannini, Rebolo Gonzales, Quirino da Silva e Nelson Nobrega congregaram-se para promover a decoração de um baile carnavalesco, num local da Avenida Ipiranga, nas proximidades do em que hoje se encontra o Clubinho. Como nome, e onde se achava instalado um estabelecimento comercial denominado "Atelier-Bar". Retomavam, desse modo, a usança, pela SPAM introduzida, de os pintores decorarem, com sentido artistico, salões carnavalescos. A decoração foi feita, a festa efetivamente se realizou e, posta de lado uma parte do dinheiriinho apurado, fundou-se em seguida, por proposta de Paulo Rossi Osir, o Clube dos Artistas e Amigos da Arte, ao qual desde logo muitos elementos, como Arnaldo Pedroso d'Horta, Clovis Graciano, Sergio Milliet, John Graz, Arnaldo Barbosa e outros, aderiram. Assim, a 16 de outubro de 1945, já com uma lista de cento e vinte associados, efetuou-se a primeira Assembléia Geral do Clube, na sede do Instituta dos Arquitetos, então à rua 7 de Abril, no subsolo do Edificio Ester. Estava escrito que o Clubinho devesse nascer e viver num sub-solo... Desse concleave resultou a eleição da primeira Diretoria.

Mas ficou nisso e a Diretoria nada fez. Até que, em 1947, Paulo Rossi Osir mais uma vez, e Pola Rezende a ainda êle, decidiram ressuscitar o Clube, promovendo nova Assembléia Geral, no salão de conferencia da Biblioteca Publica Municipal. E é por essas e outras que, nas atas do Clubinho, se lê haver sido o pintor Paulo Rossi Osir o "fundador virtual e positivo do Clube". Dessa assembléia, realizada a 3 de outubro daquele ano, resultou a eleição de uma nova diretoria, assim composta: Presidente, Rino Levi; Diretor, Sergio Milliet; Vice-Diretor, Paulo Rossi Osir; 1.o Secretario, Vicente Mecozzi; 2.o Secretario, Germana de Angelis; 1.o Tesoureiro, Gregori Warchavchik; 2.o Tesoureiro, Rebolo Gonzales. Conselho Deliberativo: Elisabeth Nobiling, Gerda Brentani, Pola Rezende, Aldo Bonadei, G. O. Campiglia. O Clube com isso ganhava novo alento, dava sinal de vida, muito embora não possuisse uma sede. Nessa fase de reorganização, sucessivas e acaloradas reuniões se realizaram na casa de Paulo Rossi Osir. Delas nos dão conhecimento atas pormenorizadas, que pudemos consultar, e onde o Secretario Mecozzi deu asas à sua imaginação, em exravagante literatura. A da primeira reunião, a 14 de outubro de 1947, por exemplo, diz o seguinte: "Rossi aproveitou a "deixa" (ou seja uma pausa para... beber), para avisar que o uisque estava nos esperando; ele foi servido dentro a rigorosa etica exigida pela bôira bebida, com aquêla simplicidade e nobre boemia tão peculiares ao nosso colega e vice-diretor Rossi. Após alguns instantes, descido o generoso nectar aos páramos ocultos e ainda verbal tornou-se virtude de quase todos." Falavam muitos ao mesmo tempo, mas felizmente "não foi atingido o diapasão da balburdia..." Vemos, pois, que em meio às brincadeiras alguma coisa de positivo se estava fazendo, como os Estatutos, sem os quais difícil seria à sociedade subsistir. O Clubinho "existia", sem duvida. Tanto assim é que, por essa altura, em dado momento, foi intenção do sr. Francisco Matarazzo Sobrinho promover seu entrosamento com a Fundação do Museu de Arte Moderna de São Paulo, então em estudos, e que se projetava instalar no prédio da antiga Escola Alemã, à rua Olinda. Nem a Fundação se... fundou, nem, por conseguinte, o entrosamento se fez.

Entretanto, a 17 de junho de 1948, inaugurava o Clubinho a sua sede, à rua Barão de Itapetininga n.o 273, no salão da Galeria Itapetininga, ali existente em comum com a Livraria Roxy, e que era dirigido pelo pintor Barros, o Mulato. Ergueu-se um tablique, circunscrevendo a area destinada à sociedade, espalharam-se alguns moveis, mesas, cadeiras, bancos, instalou-se um pequeno bar, e uma exposição realçou o acontecimento: desenhos de Rossi, Zannini, Volpi, Hilda Campofiorito, Elisabeth Nobiling, Pola Rezende e Germana de Angelis; e aquarelas de Clovis Gonzales e Alfredo Bruscaglioni. Nesse local, entretanto, o Clubinho não chegou a permanecer, para pôr em Abril de 1949 já se encontrava em sua nova sede provisoria, no edifício ainda inacabado do Instituto dos Arquitetos, à rua Bento Freitas n.o 306, no primeiro andar. Dali, três anos mais tarde, em julho de 1952, seguindo a sua sina, a sociedade de artistas deveria para o subsolo, onde até hoje permanece.

Entre tantas associações, portanto, somente o Clubinho teve — e tem — vida longa. Muitas diretorias se sucederam e ele ainda está, cheio de vitalidade, constituindo ponto de reunião de pintores, escultores, literatos, jornalistas, e de gente que gosta de com eles conviver, espichando as noites de Sexta-Feira. Com seu ar boemio e antiformalista, tornou-se o ambiente predileto, para as horas vadias, da conversa fiada e diversão. Conseguiu atingir um estagio de equilibrio economico e financeiro, o que se deve, em grande parte, à energia e dedicação de Pola Rezende. A isto disso, vem desenvolvendo intensa atividade cultural e artistica, realizando conferencias e exposições coletivas e individuais, como a retrospectiva de Di Cavalcanti e de Clovis Graciano, entre muitas outras que, distribuidas através de uma existencia de dorze anos, seria dificil, longo e fastidioso enumerar.

Com essa conta-corrente, encarta-se o Clubinho naquela serie de empreendimentos que ensejaram a criação do Museu de Arte Moderna, o que, para nós, constitui um corroborante, nessa evolução das artes plasticas. Toda essa atividade dos diversos grupos, mais tarde ainda, iria ter como que a consagração oficial, com a instituição do Salão Paulista de Arte Moderna, através da lei n.o 978, de 12 de fevereiro de 1951, decorrente do projeto de então deputado José Alves da Cunha Lima, o mesmissimo que, provindo embora de outra sensibilidade, exerce atualmente com eficiencia plena, as funções de vice-presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

As demais associações de artistas, de que aqui tratamos, tiveram vida breve. Elas "são" o passado, viraram historia. O Clubinho, entretanto, aí está. Ele é o presente. Não "é" o passado. Mas "tem" um passado, de lutas, de trabalhos, de sacrificios, de dedicações, em que alguns poucos se destacaram. E é por isso que, com o maior entusiasmo, saudamos a iniciativa de se prestar uma homenagem tôda especial ao pintor Paulo Rossi Osir, "fundador virtual e positivo do Clube". Para tanto, amigos desse artista, e amigos do Clubinho, reuniu-se-ão para adquirir o seu retrato, pintado por Portinari, e "entronizá-lo" convenientemente na sede social.

Poder-se-ia ainda considerar como um "movimento" a exposição dos "19 pintores", realizada em abril de 1947. Alguns nomes, já hoje consagrados, fizeram ali o seu efetivo ingresso no cenario das artes plasticas, bastando mencionar os de Aldemir Martins, Maria Leonina, Mario Cravo Jr., Carlos Lothar Charoux e Luis Sacilotto. Aliás, se não é bem essa a realidade, não há duvida, é o nomes de que foi então que eles se afirmaram de maneira mais convincente. Os demais artistas desse grupo dos "19 Pintores" eram: Antonio Augusto Mark, Claudio Abramo, Enrico Camerini, Eva Lieblich, Tanaka, Huguette Israel, Jorge Mori, Luiz Andreatini, Maria Helena Millet Fonseca Rodrigues, Mario Gruber Correia, Odetto Guersoni, Otavio Araujo, Ivo Muller Pereira da Costa e Vanda Godoy Moreira.

QUE PODER SECRETO POSSUIA ÊSTE HOMEM?

RENÉ DESCARTES (Rosacruz)

Por que foi famoso êste homem? Como pode qualquer pessoa—homem ou mulher—tornar-se famoso? Não será pelo domínio dos poderes em seu próprio interior?

Conheça o mundo misterioso em seu interior! Harmonize-se com a sabedoria de todas as épocas! Utilize o poder interior de sua mente! Aprenda os segredos de uma vida completa e cheia de paz!

René Descartes—ilustre filósofo francês—da mesma forma que muitos outros sábios e grandes homens e mulheres—era Rosacruz. Os Rosacruzes (Organização NÃO religiosa) contam entre seus Membros pessoas de tôdas as camadas sociais e de tôdas as raças e credos. Hoje, a sede dos Rosacruzes faz mais de sete milhões de despachos postais, anualmente, para tôdas as partes do mundo.

O DOMÍNIO DA VIDA

ÊSTE LIVRETO GRÁTIS

Escreva hoje mesmo solicitando um exemplar grátis de "O DOMÍNIO DA VIDA," sem qualquer compromisso de sua parte. Não se trata de Organização comercial.

Enderece sua carta para: Escriba L.A.Z.

Os ROSACRUZES

CAIXA POSTAL 4914 • (AMORC) • RIO DE JANEIRO, BRASIL

REMETA ESTE CUPÃO

Escriba L.A.Z.
Ordem Rosacruz (AMORC), Caixa Postal 4914
RIO DE JANEIRO, BRASIL

Queira enviar-me o livreto grátis "O DOMÍNIO DA VIDA," que explica como poderei aprender a usar minhas faculdades e poderes mentais.

NOME
ENDEREÇO
CIDADE

As iniciais A.M.O.R.C. indicam a Verdadeira e Autentica Ordem Rosacruz